

cair nas armadilhas do empirismo, denunciado pelo próprio autor em vários momentos dêste seu próprio trabalho.

IV. — Esta nossa apreciação — que se pretende crítica — do livro do Prof. Octávio Ianni busca, antes de tudo, indicar alguns problemas de caráter teórico que a leitura da sua obra nos oferece. Só por êste aspecto “Sociologia da Sociologia” se justifica plenamente como possibilidade — e pretexto — para um debate mais amplo sôbre o estatuto teórico das Ciências Humanas. Daí seu valor e pertinência.

CAIO NAVARRO DE TOLEDO

*

* *

HOBBSAW (E. J.). — *Rebeldes primitivos*. Tradução de Nice Rissone. Zahar Editôres. Rio de Janeiro. 1970. 244 páginas.

“Os bandidos e os salteadores de estradas preocupam a polícia, mas deveriam, também, preocupar os historiadores sociais”. Com esta frase inicial, o Professor E. J. Hobsbawn empreende um importante estudo sôbre as formas arcaicas dos movimentos sociais dos séculos XIX e XX: banditismo do tipo Robin Hood, sociedades secretas rurais, movimento camponeses do gênero milenário, motins urbanos pré-industriais e conseqüentes tumultos, certas seitas religiosas trabalhistas e o uso do ritual em organizações revolucionárias e operárias primitivas. Como vê o leitor, trata-se de “programa” vasto, que o ilustre professor da Universidade de Londres nos apresenta neste livro publicado em 1965, mas lançado entre nós em fins de 1970 por Zahar Editôres (*Rebeldes Primitivos*, trad. de Nice Rissone, Rio de Janeiro, 1970, 244 págs., Biblioteca de Ciências Sociais). Complementando — e documentando o volume —, o autor juntou diversos *dossiers* que ilustram os pensamentos e as afirmações das pessoas que tomaram parte em tais movimentos, conforme vêm ôscritos no livro, “de preferência empregando as expressões por elas usadas”, o que dá ao seu trabalho maior cunho de autenticidade.

Na maior parte, o campo pesquisado pelo autor é a Europa ocidental e meridional, especialmente a Itália, que tôda uma conjuntura social, econômica e política vai tornar, pode-se dizer, o campo ideal para movimentos dessa natureza. Bastaria a *Mafia* e os movimentos calabreses para exemplificar. O autor admite que o “leitor curioso” talvez possa ler seu livro simplesmente como uma descrição de alguns fenômenos sociais que são interessantes e pouco conhecidos, apesar de terem, já de há muito, sido objeto de boa literatura especialmente em inglês, mas lembra que seu trabalho não visa apenas à descrição, mas à análise e à explicação, sem as quais não passaria, com efeito, de mero relato curioso. Longe disto, o que Hobsbawn nos oferece é uma preciosa contribuição à história social do último século e meio.

Lembra o autor que, por motivos óbvios, os historiadores comumente têm concentrado seus interesses nos movimentos operários e socialistas, e em outros movimentos que, bem ou mal, “se encaixam dentro do quadro socialista”. A êste respeito, lembramos nós, o velho livro de Max Beer — que ainda se reedita —, constituiu, em tempos, um excelente modelo, naturalmente superado em muito, particularmente devido ao ângulo por demais restrito em que o autor alemão se colocou.

É evidente que tais movimentos são da mais alta importância, pois sem êles não se faria a história contemporânea, ou, melhor dizendo, ficaria ela muito incompleta. E que o campo de indagação e pesquisa é vasto, prova-o a numerosa e valiosa bibliografia que sobre o assunto existe, desde as utopias medievais e renascentistas até os movimentos sindicalistas modernos.

O campo do autor, em parte, foi outro, e, segundo sua própria informação, os assuntos de seu livro “não se encaixam em nenhuma categoria”. Lembra, por exemplo, que à primeira vista, alguns dos movimentos estudados, como o de Vandarelli ou a *Mafia*, parecem mais ter ocorridos no “medievo europeu”, do que propriamente nos séculos XIX e XX. Mereceram, ainda como exemplo, sua atenção certos fenômenos antes considerados “marginais e sem importância”, porque, em parte, “os historiadores, sendo em geral ilustrados e homens da cidade, não tinham simplesmente, até bem pouco tempo, feito esforços suficientes para compreender a pessoas que são diferentes deles”. Hoje, felizmente, historiadores e sociólogos têm despendido esforços suficientes para compreender pessoas que são diferentes deles... A literatura brasileira, histórica e sociológica, apresenta magníficos exemplos, desde Euclides da Cunha até Maria Isaura Pereira de Queiroz. Não foi sem propósito que balisamos nossa afirmação com êstes dois nomes. Ambos trataram de fenômenos messiânicos vinculados à vida rural e sem os preconceitos do homem da cidade, que o autor do presente livro tanto critica.

Com exceção das sociedades carbonárias, todos os fenômenos estudados pelo Professor Hobsbawn “pertencem ao mundo das pessoas que não só não escrevem como não lêem muitos livros — muitas vezes porque são analfabetas — que raramente são identificadas por outras pessoas pelos próprios nomes, exceto pelos próprios amigos e, então, em geral, é pelo apelido, que normalmente articulam mal e, raramente, são compreendidas mesmo quando manifestam suas idéias. Além do mais, são pessoas pré-políticas que ainda não encontraram ou apenas começaram a encontrar uma linguagem específica em que possam expressar suas aspirações em relação ao mundo. Embora os movimentos deles sejam, portanto e em diversos aspectos, cegos e hesitantes em relação aos *standards* dos movimentos modernos, não são nem sem importância nem marginais. Os homens e as mulheres referidos neste livro constituem a grande maioria em muitos e, talvez, em quase todos os países, hoje em dia, e foi a consciência política que eles adquiriram que tornou o nosso século o mais revolucionário da história”.

O primeiro grupo de movimentos sociais examinado é predominantemente rural, “embora não exista nenhuma razão *a priori* para o confinamento deles entre os camponeses”. A *Mafia* e outros movimentos semelhantes, vistos pelo autor como “um desenvolvimento um pouco mais complexo de banditismo social” constituem objeto de todo um capítulo, assim como, em outros capítulos são estudados os movimentos *milenários*, notadamente os lazaristas da Toscana e os camponeses andaluzos e sicilianos, os quais diferem da *Mafia* “porque são revolucionários e não reformistas e porque, por essa razão, são mais facilmente modernizados ou absorvidos por movimentos sociais modernos”.

O segundo grupo de estudos trata, essencialmente, dos movimentos industriais e urbanos: a *turba* (cap. VII), “equivalente urbano do banditismo social e o mais primitivo e pré-político dos movimentos do pobre da cidade, especialmente em certos tipos de cidades pré-industriais”; as *Scitas Operárias* (cap. VIII), que representam, mais claramente, “um fenômeno de transição entre o velho e o novo: organizações proletárias e aspirações de certa maneira expressas através de ideologias religiosas tradicionais”; o *ritual nos movimentos sociais*, (cap. IX), “absolutamente difícil de ser classificado”, pois sendo aparentemente tão arcaico, pertence, no entanto, à história da corrente principal de movimentos sociais modernos que vai do jacobinismo ao socialismo e comunismo modernos, e desde as antigas sociedades de artesãos ao sindicalismo moderno.

Ao considerar seu livro “uma tentativa incompleta” e que “pretende ser apenas isso”, de análise desses movimentos sociais, lembra, e com toda a razão, que “já é hora realmente de considerar com seriedade os tipos de movimentos que são examinados neste livro não apenas como uma série desconexa de curiosidades pessoais, como notas de rodapé para a história, mas como um fenômeno de importância geral e de considerável peso na história moderna”. E lembra que “aquilo que Antônio Gramsci disse a respeito dos camponeses do sul da Itália, na década de 1920, se aplica a um grande número de grupos e de áreas do mundo moderno”. Elas estão em perpétua fermentação, como massa, porém, “são incapazes de dar uma expressão concentrada às próprias aspirações e às próprias necessidades”.

À margem de outros movimentos, dedica o autor uma nota sobre a *Camorra*, que, a seu ver, não deve ser encarada como um “movimento social” em nenhum dos sentidos dessas palavras, “apesar de gozar, como todos os que são fortes e que infringem as leis dos opressores, quaisquer que sejam as finalidades, de uma certa admiração como a que o pobre dedica ao bandoleiro e de ser envolvida de certo mito e comemorada em canções como uma espécie de justiça selvagem contra o opressor”. Depois de lembrar que a história recente da *Camorra* é obscura, afirma crer que ela já desapareceu ou pelo menos o nome não é mais usado, “exceto como expressão geral de alguma sociedade ou fraternidade secreta do crime ou então de algum sistema de ação desonesta.

Os documentos arrolados pelo autor em “apêndice” ao seu livro são: 1. — Uma carta de Pasquale Tanteddu, proscrito e bandido (Sardenha, 1954); 2. — O bandoleiro Vardarelli ajuda os pobres (Apúlia, 1817); 3. — Interrogatório de um bandoleiro Borbon (Itália do Sul, início de 1860); 4. — Donato Manduzio refuta um falso apóstolo (San Nicandro, início de 1930); 5. — Uma camponesa a respeito da sociedade ideal (Piana dei Greci, Sicília, 1893); 6. — Uma comuna agrária não-envenenada pelas cidades (Ucrânia, 1918); 7. — Os camponeses suspeitam dos Governos (Ucrânia, 1917); 8. — A vontade de Tzar (Poltava, 1902; Chernigov, 1905); 9. — Declarações de Giovanni Lopez, sapateiro (San Giovanni in Fiore, 1955); 10. — Dois sermões de greve (Loray, Carolina do Norte, 1929); 11. — Um sindicalista do Lincolnshire: Joseph Chapman (Alford, 1899); 12. — Os “Homens de Decisão” recomendam um irmão (Lecce, Apúlia, 1817); 13. — Alguns juramentos secretos (Grã-Bretanha, 1830; Nápoles, 1815-1820; Paris, 1834). Transcrevemos, a seguir, um desses textos, o panfleto publicado por Chapman em 1899:

“Estive entre os primitivos no Alford Circuit durante trinta anos. Trabalhava como pregador local pela causa de Deus... Quando se instalou, pela primeira vez em Alford, a União dos Trabalhadores, interessei-me muito por ela. Como eu era um funcionário não-pago, eu trabalhava durante o dia para viver e fazia conferências à noite para a causa da União... O ano de 1872 presenciou o nascimento da União dos Trabalhadores. Eu, Joseph Chapman, com Joseph Arch e William Banks, de Boston, demos nossas línguas, nossas cabeças, nossos corações, nossa influência para o amadurecimento da União acima. Não acreditávamos nos senhores e senhoras que diziam que os religiosos e as respectivas esposas eram sagrados e que os camponeses eram vermes. Não achávamos que era correto sentarmos-nos no banquete, por preguiça, e os industriais receberem a crosta e as migalhas de pão. Aventuro-me a dizer que fizemos muito mais pela emancipação dos escravos brancos na Inglaterra do que todo o clero junto... Acho que não está muito longe o tempo em que Deus vai mandar apóstolos e profetas renovados para a Sua Igreja, que visitarão os pobres idosos para investigar como podem viver com três xelins por semana, a anuidade dada pela paróquia, quando se tem de pagar com ela o aluguel, carvão e luz, e iniciar um forte protesto contra tal crueldade e pregar com mais força o evangelho de Deus ou que eliminará ou curará os professores áridos e improdutivos... Já existem sinais da grande aliança que está para vir, em que príncipe, par e camponês se unirão e cooperarão para a felicidade de todos. Tantos quantos os que são guiados pelo espírito de Deus e só eles. Algum dia vira, tão grande como o mundo inteiro, o mundo da união”.

Ou estes outros exemplos relativos ao bandoleiro Vardarelli, de um relatório de De Matteis, Juiz de Andria, em 11 de fevereiro de 1817:

“Quando Don Gaetano Vardarelli partiu a cavalo, chamou o meirinho e ordenou-lhe que desse, imediatamente, a cada trabalhador da propriedade a quanti-

dade de um rotolo (pouco mais de um quilo) de pão. Foi impossível fazer tal distribuição imediatamente porque os trabalhadores eram cem, e o pão em estoque não era suficiente. Então Don Gaetano disse ao meirinho que êle cumprisse as ordens dêle o mais rápido possível e que, se quando êle voltasse, algum trabalhador tivesse ficado sem pão, êle mataria o meirinho da mesma maneira que já havia eliminado dois outros meirinhos de outras propriedades. De Gaetano Vardarelli ao Prefeito de Atella: Eu, Gaetano Vardarelli, comando e ordeno-lhe que reúna todos os latifundiários da Comuna de Atella, e procure convencê-los de que êles devem permitir que os pobres fiquem com a respiga, do contrário vou esquentar o travesseiro dêles, e eu não estou brincando. Do mesmo, ao Prefeito de Foggia: Senhor Prefeito, o senhor fará a gentileza de, em meu nome, instruir todos os latifundiários para que parem de dar as respectivas respigas ao gado e para deixá-las para os pobres e, se êlcs se fizerem de surdos a esta minha ordem, queimarei tudo o que êles têm. Faça isso exatamente e eu o saúdo com estima e lhe digo que, se me disserem alguma queixa de que o senhor não cumpriu minhas ordens, a responsabilidade será tôda sua”.

Lembremos, para encerrar esta nota, que o Professor Erich J. Hobsbawn é autor, entre outras obras, de um importante estudo sôbre as revoluções da Europa no período de 1789 a 1848; esta obra não se encontra, infelizmente, traduzida (uma boa sugestão para as nossas editôras...) mas pode ser encontrada em espanhol num belo volume de Ediciones Guadarrama, Madrid, 1964, com o título *Las revoluciones burguesas*.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*
* *
*

LAVENÈRE-WANDERLEY (Tenente-Brigadeiro Nelson Freire). — *Estratégia Militar e Desarmamento*. Biblioteca do Exército em convênio com Bloch Editôres. Rio de Janeiro. 1971 (*).

Aspecto significativo de que o Poder é o elemento predominante nas relações internacionais reside no fato de os Estados serem chamados Potências. Assim surge uma classificação própria segundo o grau de Poder que as nações apresentam no concerto internacional: Superpotências, Grandes, Médias e Pequenas Potências.

As primeiras ficaram caracterizadas após a II Guerra Mundial principalmente em virtude da esmagadora superioridade que adquiriram no campo militar com a posse do armamento nuclear e dos respectivos meios de lançamento e direção.

(*) . — Transcrito, com a devida permissão, da *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, Ano IV, nº 32, abril de 1972.